

A evolução de uma revista no campo da comunicação científica: do *Boletim* à *Revista entreideias*

Resumo: A artigo traça o percurso da *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade* desde o seu nascimento até os dias de hoje. Sua denominação inicial foi *Boletim*, e circulou na década de 1980 na Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), passando, na década de 1990 a ser denominado de revista da Faced. Faz uma breve análise das políticas de publicação de revistas acadêmicas, passando pelo movimento de Acesso Aberto e da comunicação científica. Descreve o processo de migração da Revista para a internet, analisando as dificuldades encontradas em todo o processo.

Palavras Chaves: Revistas Acadêmicas; Comunicação científica; História da Educação.

Nelson De Luca Pretto
Faculdade de Educação -
Universidade Federal da Bahia
Doutor em Comunicação - nelson@
pretto.pro.br

(1) PRETTO, Nelson De Luca, Editorial, *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, v. 1, n.1, p. 5-7, 2012, p. 05

(2) BIANCHETTI, Lucídio; ZUIN, Antonio A. S.; FERRAZ, Obdália, *Publique, apareça ou pereça? Produtivismo acadêmico, "pesquisa administrada" e plágios nos tempos da cultural digital*, Salvador: Edufba, 2018.

Introdução

Assim começa o primeiro editorial da *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, lançada em janeiro de 2012:

As ideias brotam, circulam, explodem engendrando muitas outras ideias. São construídas e deveriam, o mais amplamente possível, circular. Sair dos seus lugares de produção e chegar a novos e outros lugares, também estes de produção, para que, com aquelas, gerar mais produções.¹

Era o início da atual fase de uma revista que começou como um *Boletim* nos anos 1980 e se expandiu, enfrentando todas as dificuldades inerentes à uma universidade pública, à gestão de revistas acadêmicas e, muito especialmente, a uma política científica que privilegia um produtivismo exagerado que dificulta enormemente o trabalho de professores e pesquisadores, gestores e editores de revistas acadêmicas.² Esse artigo, quase um depoimento-relato, conta um pouca da história por mim vivida primeiro, apenas acompanhando, e, depois, com uma participação efetiva e operacional na construção da nossa, hoje, *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*.

O nascimento do *Boletim*

A história da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Faced/UFBA) remonta ao final dos anos 1960, quando,

(3) BRASIL, Lei 5.540/69. Presidência da República, 28/11/1968.

(4) *Ibid.*

(5) Depoimentos em 08/04/2019;

(6) MARQUÊS, Maria Inês Correa, *UFBA NA MEMÓRIA: 1946-2006*, Salvador, Bahia: Edufba, 2010., p. 248

(7) *Ibid.* p. 251

(8) *Ibid.* p. 263

ainda localizada no bairro de Nazaré, em Salvador/Bahia, se constituía em um conjunto de Departamentos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Em 1968, em pleno regime militar, é promulgada a Lei nº 5.540/68, que passou a ser conhecida como a lei da Reforma Universitária (“Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências”)³. Em seu artigo 11º, parágrafo 3º, cria os Departamentos como “a menor fração da estrutura universitária para todos os efeitos de organização administrativa, didático-científica e de distribuição de pessoal, e compreenderá disciplinas afins.”⁴

Em função da nova legislação, conforme depoimento para esse artigo da professora Dilza Ata,⁵ constituiu-se, na antiga Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da UFBA, onde funcionava o curso de Pedagogia, uma Comissão para estudar a transformação do referido curso. Esse movimento veio, assim, a ser o embrião de uma nova unidade da UFBA, atendendo ao Parecer 252/69 do Conselho Federal de Educação (CFE), que criava os especialistas em educação.

Dentro desse contexto, no ano de 1966, no reitorado de Miguel Calmon, foi elaborado projeto de reestruturação da Universidade contando com a colaboração de consultores estrangeiros, facilitado pela Unesco que, segundo Maria Inez Marques,⁶ “[...] disponibilizara técnicos especializados para assessorar a implantação da reestruturação, na perspectiva da ciência e tecnologia postas a serviço da vida humana.” Dessa forma, esse projeto, e de acordo com a nova legislação já referida, previa uma revisão dos objetivos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, já que novos desafios estavam sendo propostos e, assim, necessário se fazia alguns desmembramentos da mesma. Já era, assim, a ideia de “[...] criação da Faculdade de Educação, que ficaria incumbida de formar professores secundários, administradores escolares, orientadores, planejadores educacionais e de outros especialistas em educação”,⁷ o que só viria a se concretizar mais adiante. A UFBA também se expandia fisicamente. Ao longo do período e com apoio financeiro viabilizado pelo acordo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)/Ministério da Educação (MEC)/UFBA iniciaram-se as construções de “trinta e cinco mil metros quadrados” entre os quais o novo prédio “para abrigar a Faculdade de Educação e a melhoria dos cursos profissionais, nos quais se investiria em pesquisa.”⁸

No novo prédio, no também novo *campus* do baixo Canela, em 1969, implantou-se a nova unidade da Universidade, a Faculdade de Educação. Nesse mesmo bairro de Salvador, na parte alta, localiza-se a Reitoria, o Hospital das Clínicas, as escolas de Teatro, Música e Belas Artes, entre outras unidades, escolas essas que eram as tradicionais e isoladas que se incorporam ao projeto de Edgard Santos, de criar a Universidade da Bahia, feito acontecido em 2 de julho de 1946, sendo ele o seu primeiro Reitor. Sua federalização ocorreu em 1950, graças à Lei nº 1.254, que instituiu o Sistema Federal de Ensino Superior e a Universidade da Bahia passou a ser denominada Universidade Federal da Bahia.⁹

Ao longo daqueles primeiros anos, a Universidade ainda não vivia plenamente a pós-graduação, que só vem se implantar definitivamente nas instituições de ensino superior, a partir do conhecido Parecer do Conselho Federal da Educação nº 977/65, conhecido como Parecer Sucupira, em 1965. Esse parecer, apontava para a necessidade de termos nas universidades, especialmente as públicas, programas de mestrado e de doutorado. Jamil Cury,¹⁰ considera que “O parecer CFE no 977/65 é texto fundador da pós-graduação sistemática no Brasil e, após ele, parece não haver nenhum outro texto que articule doutrina e normatização sobre o assunto com tanto impacto sobre esse nível da educação superior no Brasil.”

O programa de Pós-Graduação em Educação foi instalado na Faculdade de Educação da UFBA em 1971, inicialmente com o curso de mestrado e, em 1992, implantou-se o doutorado. Vivia-se, na Faced, uma clara separação entre o ensino de graduação e a incipiente pós-graduação, inclusive com a presença de vários professores não pertencentes aos departamentos da unidade. A própria localização física da pós-graduação, no alto do 3º andar da Faculdade, evidenciava espacialmente essa profunda separação e hierarquia. Separação essa, aliás, que não foi uma característica da Educação na UFBA, nem mesmo da UFBA em relação às demais universidades.

A consolidação da pós-graduação, ainda segundo Jamil Cury, se dá quando “[...] a CAPES, o CNPq e outros órgãos públicos ficaram incumbidos pelo decreto-lei no 464, de 11/2/1969”¹¹ de promoverem uma qualificação do pessoal docente e, desta forma, passou-se a exigir “[...] um alto nível dos cursos de graduação na área, um corpo docente altamente qualificado, equipamentos, laboratórios, currículos, **pesquisas e trabalhos de valor publicados em livros ou revistas científicas.**”¹²

(9) MARQUES, 2010.

(10) CURY, Carlos Roberto Jamil, Quadragésimo ano do parecer CFE nº 977/65, Revista Brasileira de Educação, n. 30, p. 7–20, 2005, p. 18

(11) *Ibid.*, p. 16, grifo nosso.

(12) *Ibid.*, p. 16, grifo nosso.

(13) CHALDECOTT, J. A., A History of Scientific and Technical Periodicals: The Origins and Development of the Scientific and Technological Press 1665–1790. By David A. Kronick. Pp. 274; tables. New York: The Scarecrow Press, 1962. *The British Journal for the History of Science*, v. 2, n. 4, p. 360–361, 1965.

(14) Conforme confirmado na busca no site internacional do ISSN (Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas ou Número Internacional Normalizado das Publicações em Série) Disponível em: <https://portal.issn.org/resource/ISSN/0102-7026>. Acesso em: 4 abr. 2019.

(15) Depoimento ao autor em 02/04/2019.

(16) Depoimento ao autor em 02/04/2019, grifo nosso.

Não vivíamos, ainda, a febre das publicações científicas, mas a necessidade de se comunicar o que se produzia na universidade já existia, como, aliás, sempre existiu. Sabemos que as primeiras publicações científicas datam de 1665 com o *Journal des Savans* (França) e *Philosophical Transactions of the Royal Society* (Inglaterra).¹³

Voltando à nossa realidade da Faculdade de Educação (Faced) da UFBA, desde 1984, na gestão das professoras Jandira Simões Leite e Dilza Atta, circulou na Faced uma publicação que tinha o objetivo de levar ao conhecimento da comunidade acadêmica questões administrativas, cursos e atividades que aconteciam na Faculdade, ou seja um veículo informativo. Essa publicação, datilografada e mimeografada, passou a ser chamada apenas de *Boletim*, inclusive registrada com o ISSN número 0102-7026.¹⁴ Possuía uma Comissão Editorial que, segundo depoimento de Dilza Atta,¹⁵ era composta por Adélia Luíza Portela, Coriolinda (Babynha) Vasconcelos de Carvalho, Evandro Ubiratan de Souza, José Felício de Oliveira, Mary Arapiraca e Zuleica Barreto. A boa recepção da publicação terminou estimulando os professores a publicar nesse veículo seus artigos, resenhas, resenhas, resenhas e outros gêneros textuais e, dessa forma, a mesma deixava de ser apenas uma publicação de caráter informativo da gestão e passou a se configurar como o embrião de uma revista acadêmica. Ao longo dos anos seguintes, o *Boletim* circulou irregularmente e, nas palavras de Dilza Atta,¹⁶ “muita coisa boa foi ali publicada, inclusive um artigo de Felipe [Serpa] que me parece decisivo no conteúdo abordado já que ele apresenta uma tentativa de currículo para os cursos de Pedagogia e de Educação Física”.

Em 1992, assume a direção da Faced o professor José de Oliveira Arapiraca e sua vice-diretora, professora Nydia Lins Tourinho Costa. Em seu discurso de posse, em 16 de novembro de 1992, frente a primeira reitora mulher de nossa Universidade, Eliane Azevedo, já se vislumbrou a ideia de uma comunicação científica comprometida, dentre outras medidas tão necessárias e, algumas, até hoje ainda a serem concretizadas.

José Arapiraca:

*De imediato, tentaremos encontrar as condições objetivas para otimizar o curso noturno, e de forma ampliada, para todas as Licenciaturas; descer a Biblioteca para o andar térreo e fazê-la funcionar durante toda a semana das 7 às 21 horas, aberta ao público; aumentar a segurança; **manter uma revista regular para***

divulgar nossa produção, entre outras medidas já enumeradas pela própria comunidade da escola.

(17) RAMOS, Menandro Celso de Castro. Editorial, in *Revista da Faced*, num 01, 1997, s/p.

Tão logo passou a gerir a Faced ele, como dito em seu discurso, sentindo necessidade de ter um veículo de comunicação que pudesse dar conta do que ali se produzia, iniciou a elaboração de uma revista com o objetivo de ampliar o escopo do *Boletim*. Ele veio a falecer no início de 1993, apenas cinco meses após a sua posse, assumindo a condução da Faculdade, como diretor em exercício, Menandro Celso de Castro Ramos, que encampou o desejo de Arapiraca e consolidou o primeiro número da nova revista, que nasceu com o nome de *Revista da Faced*.

Revista da Faced

O número zero da *Revista* foi publicado em 1994, mas a sua efetivação somente se deu com a publicação do número 1, em 1997. A apresentação de Menandro Ramos¹⁷ para o número zero afirmava

Ao retomarmos o projeto interrompido de uma publicação da FACED, não fizemos mais do que seguir o caminho por ele delineado previamente. Persiste a concepção de uma revista de feição gráfica moderna e conteúdos significativos. Busca-se, enfim, o espaço para a exposição das idéias daqueles que acreditam na possibilidade de transformação da sociedade, a partir da formação do sujeito histórico, crítico e criativo. Nosso desafio, portanto, é dar uma periodicidade a esta publicação. hoje mais enriquecida. originada. como já foi dito. Do antigo *Boletim* da Faculdade de Educação – agora batizada de REVISTA DA FACED – e transformá-la numa galeria de ideias, como queria o seu idealizador, da qual possam participar docentes e discentes da UFBA e de outras instituições ligadas aos problemas da educação ou às questões afins. Por uma feliz coincidência. conseguimos lançá-la no período da celebração dos 25 anos da FACED. Aqui tem o dedo do Professor Arapiraca. Mais uma razão para dedicarmos-lhe esta revista.

E assim, nascia a *Revista da Faced* contando com um editorial do professor Luiz Felipe Serpa, professor da casa e à época Reitor da UFBA, que coordenava pesquisas com alunos de iniciação científica no campo da historicidade, resultados de pesquisas esses publicados nesse primeiro número.

Dessa forma, a *Revista* foi lentamente se consolidando, sempre com muita dificuldade, produzida pelo esforço abnegado de professores e servidores da Unidade. Eram de toda a natureza essas dificuldades, pois não existia, de um lado, a cultura da publicação – observem que falo da cultura de publicação e não das neuroses que hoje vivemos! – e, de outro, a falta de condições concretas para a edição e publicação de uma revista impressa, com praticamente nenhum recurso financeiro. Entre esses abnegados encontrava-se a professora Mary Arapiraca que não deixou a *Revista* parar de circular.

Em 1999, nos candidatamos, eu e Mary, à direção da Faced, assumindo a gestão em janeiro de 2000 e assim ficamos por dois mandatos, até o início de 2008. Tínhamos, como uma das nossas maiores preocupações, fortalecer a dimensão comunicativa da gestão, tanto em termos das novas tecnologias digitais que já se anunciavam como promissoras para a comunicação científica – não esquecer que a internet estava em seus primórdios, com apenas cinco anos de vida comercial no país –, como no fortalecimento dos meios mais tradicionais, como as revistas acadêmicas. Nos deparamos, no entanto, com uma situação crítica. A Faced possuía, naquele ano 2000, nada mais nada menos do que seis revistas acadêmicas, entre as quais, a *Revista da Faced*.

Uma das nossas primeiras iniciativas foi criar uma Comissão Editorial para que pudesse articular com os editores (donos?!) das demais cinco revistas uma ação institucional no sentido de fortalecermos um número menor de revistas, de tal forma que as mesmas pudessem se consolidar de fato. Não foi fácil. Na verdade, foi impossível. Tínhamos a ajuda da grande liderança que era o colega – e no meu caso, meu mestre – professor Felipe Serpa que já estava de volta à Unidade depois do seu reitorado (1993-1998). A Comissão era composta por representação dos três departamentos e do colegiado de pós-graduação.

Não conseguimos demover nenhum dos editores. Optamos por deixar que cada um tocasse sua revista, já sabendo que a maioria não resistiria às dificuldades do contexto editorial de forma isolada e, confirmando nossa previsão, apenas alguns números de cada uma delas foi publicado nos anos seguintes. Algumas dessas revistas eram, de fato, de qualidade duvidosa. Nosso esforço foi consolidar a *Revista da Faced* enquanto uma revista institucional buscando que a mesma fosse, de fato, uma revista acadêmica nacional.

Com prevíamos, devagarinho, todas as demais revistas sucumbiam. E o pior, sem nenhum esforço por parte dos seus

editores no sentido de se associarem à revista institucional que buscava e aniciava um intenso trabalho para a sua qualificação e ampliação, tanto em termos editoriais como em termos de gestão.

Passo a passo fomos buscando, sob a liderança da vice-diretora, Mary Arapiraca, a melhoria da *Revista* em termos administrativos, editoriais e científicos. Ela já vinha assumindo, informalmente, a editoria da *Revista* ao cuidar dos mínimos detalhes da sua finalização até o momento da impressão das mesmas através da Editora da UFBA. Conseguíamos para tal importantes apoios, tanto da pós-graduação em Educação, que designava um aporte financeiro com pagamentos de bolsistas, como de um ou outro projeto em andamento que tinha financiamento.

E assim a *Revista da Faced* foi se consolidando. Não conseguíamos a regularidade necessária, mas avaliávamos que estávamos nos constituindo num importante espaço regional de publicação acadêmica, a caminho de um reconhecimento nacional.

Tínhamos consciência de que precisávamos ampliar a *Revista*. Começamos o processo de elaboração de um projeto para buscar financiamento. Constituímos uma comissão composta, entre outras, pelas professoras Dinéa Sobra Muniz, Yara Rosa e Mary Arapiraca. Precisávamos de um projeto que desse conta dos nossos movimentos de ampliação da revista e o fizemos para submeter aos órgãos de fomento, especialmente à Fundação de Apoio à Pesquisa no estado da Bahia (FAPESB), mas também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Uma das decisões, naquele momento, foi tomada a partir da avaliação que fizemos de que, estrategicamente, era importante que o próprio diretor da Unidade assumisse a editoria da *Revista*. Dizíamos no projeto que

a Revista da FACED tem o seu Comitê Editorial constituído por professores representantes dos três departamentos da unidade, dois representantes de seu Programa de Pós-Graduação (um professor e um doutorando) e dois representantes indicados pela Congregação. Esta composição atesta o caráter institucional desta publicação, que por isso mesmo tem na atual comissão o diretor da Faculdade, professor Nelson De Luca Pretto, como editor.

Mas ainda, acreditávamos ser importante explicitar, no projeto, de forma muito clara as penúrias por quais passávamos para manter a *Revista* com uma regularidade mínima. Assim escrevemos:

A *Revista da FACED*, atualmente, tem sido mantida a custa de repasses esporádicos de recursos feitos mediante solicitação a setores da UFBA, tais como a Pró-Reitoria de Planejamento e Administração e os projetos desenvolvidos dentro da Faculdade de Educação. Tais apoios garantiram a manutenção das 10 (dez) edições da revista. Esse esforço do coletivo da Universidade Federal da Bahia e, mais especificamente da Faculdade de Educação, demonstra que há por parte do corpo docente, funcionários e discentes o reconhecimento da importância de um veículo forte de comunicação que se traduza em campo fértil, através do qual as diversas reflexões na área de educação, desenvolvidas, local e nacionalmente, possam ser socializadas. Assim, a *Revista da FACED* pode ser traduzida como um espaço democrático de socialização de saberes articulados com temporalidades espaciais próprias, isto é, que têm dinâmicas específicas na área de Educação.

Não podemos deixar de registrar que durante todo esse período tivemos – e ainda temos – uma parceria absolutamente fundamental da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba). Sob a liderança da professora Flávia Rosa, o apoio se dava, naquele primeiro momento, na elaboração do projeto editorial e gráfico, e, para a publicação impressa dos números, com a diagramação e impressão dos exemplares.

Destacamos desde sempre a penetração daquela publicação no âmbito estadual, pois tínhamos clareza de que os principais leitores da *Revista* eram estudantes de cursos de graduação e de pós-graduação da área de Educação de todo o Estado da Bahia. Em função do escopo ampliado que já tínhamos, víamos sempre como público potencial de leitores os alunos das licenciaturas em Letras, Pedagogia, História, Artes Plásticas, Teatro, Física, Química, Matemática, Geografia e outras, uma vez que todos esses cursos tinham seus componentes curriculares pedagógicos oferecidos pela e na Faced, seja da própria UFBA, como das demais faculdades e universidades distribuídas no Estado da Bahia.

Não conseguimos nenhum tipo de apoio e financiamento nas investidas que fizemos ao longo de todos os anos das nossas duas gestões (2000-2004 e 2004-2008). Mas, mesmo assim, o esforço coletivo para o fortalecimento da revista, com o grupo que elaborou o projeto, foi se configurando como um estímulo para que avançássemos, mesmo com precárias condições, na busca de uma profissionalização da gestão e da ampliação do seu escopo.

Assim, a *Revista da Faced* foi ganhando corpo. Começou com a ampliação do seu corpo editorial científico, associado à proposta de criação de uma Comissão Editorial, que seria interna à Faculdade, com representante dos departamentos, colegiados, servidores e estudantes, além de um Conselho Editorial Nacional e Internacional. Conseguimos ampliar, como previsto, o Conselho Editorial, mas a Comissão Interna não atuou de forma mais efetiva.

Havia, no entanto, algo que demandava uma ação mais urgente e necessária: a ida da *Revista* para a internet. Ou seja, precisávamos digitalizar o passado e preparar para que, tanto a gestão como a publicação dos números, passassem a ser *on-line*.

Desafio posto, tínhamos que enfrentá-lo e, para tal, nada melhor do que ter a feliz, mas não casual coincidência, de ter como editor um pesquisador de um grupo de pesquisa que, justamente, tem sido um dos pioneiros nas reflexões sobre educação e tecnologia, especialmente a internet. Trata-se do grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC). Passei assim, além da Direção com a colega Mary Arapiraca, a coordenar o processo de digitalização do passado e a implantação de um sistema para a gestão da Revista como o novo editor da revista.

Caímos na rede

Para nós, desde aquela época, era fundamental termos uma ação de comunicação científica que pudesse interferir de forma intensa nas urgentes e necessárias transformações do mundo contemporâneo. Damos à comunicação científica uma importância estratégica e, dessa forma, com a missão de ser o editor da *Revista*, procuramos trazer para ela toda essa filosofia e política ativista.

Como parte do processo de sua transformação, que já vinha desde 2004 como já dito, e compreendendo a necessidade de democratização do conhecimento, começamos a trabalhar buscando adotar os princípios do Acesso Aberto, movimento que crescia em todo o mundo, inclusive no Brasil. Começamos, também, a ser mais rigoroso no processo de avaliação dos artigos.

Nessa época, a UFBA já vinha adotando um sistema de gestão e publicação *on-line*, a partir dos trabalhos desenvolvido por Rodrigo Meireles, à época mestrando em Ciência da Informação e hoje professor da Instituição, e da já mencionada professora Flávia Rosa. Aderimos, portanto ao movimento local que era articulado

(18) Disponível em: <http://www.ibict.br>. Acesso em: 31 mar. 2019.
(19) Disponível em: <http://pkp.sfu.ca>. Acesso em: 31 mar. 2019.
(20) Disponível em: <http://www.ibict.br/tecnologias-para-informacao/seer>. Acesso em: 31 mar. 2019.

em escala mundial, no qual cada vez mais pesquisadores vêm aderindo às essas políticas e disponibilizando seus artigos seja em revistas de Acesso Aberto, sejam em repositório institucionais. Isso para nós era fundamental pois coincidia com os princípios e campos de estudos de nosso grupo de pesquisa.

Sabíamos que a qualidade da informação era garantida, por um lado, quando os documentos inseridos nesse modelo seguiam padrões conhecidos e já utilizados nos processos de avaliação, edição e divulgação do conhecimento. Por outro lado, como as tecnologias que sustentam tais processos proporcionam a integração entre instituições de ensino e de pesquisa, criava-se, assim, um mecanismo de autorregulação que era básico para uma revista acadêmica. Seguimos, entusiasticamente é bem verdade, o movimento articulado nacionalmente pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (Ibict),¹⁸ unidade de pesquisa do à época Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), que já estava integrado e interagindo fortemente com o Projeto Conhecimento Público,¹⁹ uma iniciativa das universidades de *Bristh Columbia* e *Simon Fraser* que tem como objetivo a promoção da qualidade da educação e da pesquisa acadêmica. Esses grupos lideraram o debate teórico e político sobre o tema e, além disso, desenvolveram um sistema livre e de código aberto para administrar publicações e indexações de revistas acadêmicas, sistema esse, como mencionado, trazido (e traduzido) para o Brasil pelo Ibict. Em parceria com a EDUFBA e o Centro de Processamento de Dados (atual Superintendência de Tecnologia da Informação – STI), passamos a utilizar, desde dezembro de 2005, Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), software desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica,²⁰ adotado e difundido pelo Ibict como importante política pública na área. O Ibict foi o órgão que conduziu e representou o Movimento de Acesso Livre à Comunicação Científica no Brasil.

Digitalização do passado e construção do novo presente

A digitalização dos números anteriores, desde os *Boletins* sempre foi considerada muito importante em termos de democratização da informação e, também, por constituir-se em importante elemento histórico da produção educacional na Bahia e no Brasil. Com o auxílio do já mencionado Rodrigo Meireles todo

o acervo foi digitalizado, ao passo que implantávamos a gestão da *Revista* e a publicação dos próximos números, de tal forma que tínhamos, naquele momento, um olhar para o passado, outro para o presente, mirando de forma muito intensa num futuro que se avizinhava como promissor para a nossa *Revista da Faced*.

Não nos parece haver dúvidas de que as publicações *on-line* se constituem em um avanço e possibilitam o aumento do acesso de usuários-leitores. No entanto, sabíamos, também, que tal acesso permanecia restrito pela impossibilidade de distribuição de equipamentos e de oferta de condições de ingresso no mundo digital por grande parte da população nacional. Não havia a proliferação de *tablets* e *smartphones* como nos dias de hoje. Se o processo de migração para o *on-line* se configurasse sem manutenção da versão impressa, sabíamos que muitos dos leitores, especialmente alunos de graduação e futuros professores, não teriam acesso aos artigos publicados. Por isso, a edição impressa ainda se constituía como um imperativo e por nós foi mantida e intensificada.

Fomos conseguindo regularidade na publicação dos dois números anuais a que nos havíamos propostos, mas essa regularidade só ocorria na versão *on-line*. A versão impressa terminava circulando, praticamente somente um ano após a publicação da revista no portal. Trabalhávamos para reduzir esse lapso temporal, mas não era fácil.

Conseguimos manter a mesma avaliação da *Revista* pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em B2 uma vez que o critério que se apresentava, nesse estrato, como o mais importante, era a manutenção da periodicidade. Com a disponibilização na internet, ampliou-se a visibilidade da *Revista* que passou a ser mais procurada – associada, evidentemente, à pressão por publicar que ia tomando conta da ciência brasileira – e assim, fomos publicando todos os dois números anuais previstos no nosso projeto editorial, desde 2007.

No entanto, precisávamos dar um salto maior. Como a revista ia ganhando espaço nacional, compreendemos que o seu nome não poderia ficar tão genérico como *Revista da Faced*. Primeiro porque ele não dizia nada e, segundo, não era mais da Faced, mas da área da educação. Entendíamos que uma revista acadêmica que pretendia ir além dos muros da academia sem perder o rigor científico, chegando em todos os lugares, não poderia ter em seu próprio nome essa referência genérica e local (Faced), que aliás,

(21) Com o argumento do professor Paulo Gurgel: "vem do Grego: παραλλαγή que significa alteração. É a alteração da posição angular de dois pontos estacionários relativos um ao outro como vistos por um observador em movimento. De forma simples, paralaxe é a alteração aparente de um objeto contra um fundo devido ao movimento do observador."

(22) Com argumento do professor Paulo Gurgel: "Inspirada em Jung [inspirado em Memórias, sonhos e reflexões] e em Marc Bloch (apologia da história ou o ofício do historiador."

nem estava claro a qual Universidade pertencia, pois o nome Faced não a caracterizava uma vez que era adotado por várias outras Faculdades de Educação. Precisávamos, então, de um nome para uma revista que cada vez mais assumia como seu campo de abrangência a educação e a cultura, inserida na sociedade baiana, brasileira e planetária.

Começamos a desenhar o novo projeto editorial e, claro, a busca por um novo nome. Como sempre fazíamos, levamos o problema para a nossa comunidade. Estávamos no ano de 2012.

Nas listas, e posteriormente em debates na Congregação da Faculdade, começaram a surgir os nomes e a discussão se intensificou. Creio ser importante como registro histórico elencar todas as possibilidades surgidas: *Conexões – educação cultura e tecnologia*; *Conexões – revista da Faced, Escritos sobre educação*; *Entreideias - educação, cultura e sociedade*; *Entreideias - revista da Faced*; *Entrelugares - revista da Faced*; *Narrativas educacionais*; *Vozes educacionais – revista educacional*; *Paralaxe*; *Paralaxe – educação, cultura e tecnologia*,²¹ *Educação, Sociedade & Práxis Pedagógica*; *Educação & Práxis Pedagógica*; *Educação: histórias, exercícios e reflexões*; *Humanitas*; *Humanitas: Revista da FACED/UFBA*; *Revista de Educação: utopias possíveis*; *Revista de Educação: utopias (im)possíveis*; *Educação: utopias (im)possíveis*; *Revista de Educação: histórias, exercícios e reflexões*,²² *Revista de Educação: o ofício do educador no mundo contemporâneo*; *Letras Pedagógicas*; *Escritos sobre Educação*; *Impressões Pedagógicas*; *Impressões Educacionais*; *Tempo Pedagógico*; *Narrativas Educacionais*; *Nós da Educação*; *Territórios Educativos*; *Transversal: espaço e tempo pedagógico*; *Ideias educacionais*; *Âmbito educacional*; *Posições educacionais*; *Conexões – Revista da FACED*; *Entrelugares educacionais*; *Vozes educacionais*; *Desafios educacionais*; *Horizontes educacionais*; *Sentidos educacionais*; *Dialogia – Revista da FACED*; *Entreideias – Revista da FACED* e *Linhas e Entrelinhas - Revista da FACED*.

Imagina o leitor(a) que o debate foi grande e até exaustivo. Chegou o momento de decidir e a Congregação da Faculdade bateu o martelo no nome para *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, que, assim, nascia com já 17 anos de vida, pois ela era uma transmutação de um *Boletim*, que virou *Revista da Faced* e agora, com a nova denominação e novo projeto editorial, a *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, escrita dessa forma, em

minúsculo, por sugestão da equipe da Edufba que elaborou o novo projeto gráfico e editorial em conjunto com a nossa equipe.

Em junho de 2012, começamos um trabalho de outra ampliação do nosso Conselho Editorial nacional e internacional. Para tal, enviamos uma mensagem aos atuais membros convidando-os para permanecerem e ampliamos com novos convites. Dizíamos naquela correspondência:

Depois de 17 anos de nossa Revista da Faced, a revista institucional da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, chegou a hora de mudar.

Nossa revista cresceu, passou a adotar o sistema de publicação aberta, integrada ao Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas Acadêmicas (SEER), com forte e fundamental apoio do IBICT, articulado com o movimento internacional em torno do *Public Knowledge Project* (PKP).

Assim, depois de mais de ano de discussões internas, nasce a nossa nova revista, a Revista *entreideias*: educação, cultura e sociedade. Com muita alegria temos o colega como parte integrante do nosso Comitê Científico, ao lado de expressivos nomes da educação em nosso país.

Anexo, para seu conhecimento, o projeto editorial da nova revista, uma continuidade da nossa já consolidada Revista da Faced.

A partir daí começamos mais uma etapa desafiadora pois precisávamos de um novo número ISSN e, seguindo as orientações do Ibict, apesar de termos uma continuidade da revista, teríamos que ter outro número, também mantendo números distintos para a versão impressa e a versão *on-line*. Fizemos todas as tratativas para tal e finalmente, conseguimos os novos ISSN. O primeiro número da nova revista (número 21) foi publicado com a data de jan./jun. 2012, com seis artigos, um ensaio, duas resenhas e um editorial.

Para nossa surpresa, na primeira publicação dos resultados da avaliação pela Capes, o famoso Qualis das revistas, nossa revista havia desaparecido. Não conseguiram compreender que a *entreideias* era a nova denominação da *Revista da Faced*. Quando voltamos a ser listado na busca do sistema, passamos a ser classificados como B5. Em documento à representação da área da Educação na Capes explicitávamos a dramática situação:

No atual sistema Sucupira estamos em B5 (Educação), fazendo a busca por ISSN.

Vamos aos fatos e as solicitações de consideração:

I - Inconsistência do sistema

1. buscando-se as revistas por “educação”, não aparecemos
2. Buscando-se pelo nosso ISSN online aparecemos, e aí aparecemos como Educação e com a classificação B5.

Foi em vão a tentativa de explicar e solicitar as correções. Finalmente, em 21 de janeiro de 2014, voltamos ao sistema e na avaliação do Triênio 2013-2016 a revista voltou à sua avaliação anterior, ou seja B2.

Todos esses obstáculos afetam o cotidiano de uma revista acadêmica. Fora a dificuldade do editor para com os seus autores, todos ávidos por saber qual o Qualis da revista já que vivemos a era do *Publique, Apareça ou Pereça*, uma alusão ao livro de Lucídio Bianchetti, Antonio Zuin e Obdália Ferraz,²³ o fato da Revista não estar listada no Qualis ou ter sido classificada como B5, diminui a procura de autores para nela publicar, o que, obviamente, fez com que enfrentássemos dificuldades para o recebimento de mais artigos e, com isso, pudéssemos cumprir as metas de regularidade e número de artigos prevista, no mínimo, para o estrato avaliativo que nos encontrávamos, ou seja, o B2.

Mesmo assim a *Revista* foi se consolidando e passamos a tomar algumas decisões na forma como a publicávamos, questões essas que já nos provocava, academicamente, como parte de nossas pesquisas no campo. A primeira, em função da sua publicação *on-line* e em função da grande demora da publicação do impresso, associado ao fato de que, no caso de nossa *Revista*, tínhamos um amplo espectro temático, nos indicava que não havia muito sentido em se escrever um Editorial. Para cada número os Editoriais estavam se configurando apenas num esforço do editor em dar uma “costura” a partir das temáticas dos artigos daquele número o que, na prática, não se constituía num conjunto homogêneo, nem de temas, nem de metodologias de pesquisas e muito menos de abordagens. Decidimos não mais escrever editoriais, salvo em casos excepcionais, como quando tínhamos dossiê sendo publicado. Também esses não estavam sendo incentivados.

Afora isso, estávamos vivendo um momento de grande transformação na forma como nos relacionávamos com as revistas acadêmicas, especialmente no campo da educação, que é formado por uma miríade de temas que não necessariamente são do interesse de todos os leitores. Em artigo escrito inicialmente

para ser debatido em uma sessão especial do XXIII Encontro de Pesquisadores do Nordeste (EPEN), em 2016, em já dizia

[...] a própria estrutura das revistas vive, da mesma forma que a indústria fonográfica, um importante momento para a sua reconfiguração. Como no caso da música, onde praticamente não faz mais sentido a aquisição de um disco (LP ou mesmo CD físico) como um conjunto de faixas, já que hoje buscamos a música e não as cerca de 12 ou 15 que compõem o CD, nas revistas acadêmicas, a edição com um número fixo de artigos começa a perder sentido.²⁴ Exceto quando se trata de um dossiê temático, a busca que se faz em uma determinada revista se dá pelo artigo, no singular e no específico do que ele trata. Ou, o mais comum, dos artigos no plural, plural esse aplicado também às diversas revistas capturadas pelos mecanismos de buscas, já que o que nos interessa é o que foi publicado sobre o tema e não em qual revista ele foi publicado.²⁵

E com isso, começamos a introduzir um nova sistema de publicação dos artigos, também inspirados em outras revistas acadêmicas no mundo, que era a da publicação imediata do artigo, tão logo o mesmo ficasse pronto. Seria uma espécie de *ahead of print* adaptado, uma vez que não o publicaríamos com uma numeração provisória (como é tradicionalmente essa modalidade), mas sim com a numeração definitiva, uma vez que, como não tínhamos mais editorial, e as páginas iniciais eram padrões, sabíamos exatamente a página inicial do primeiro artigo e, assim, seguimos sequencialmente as páginas até completar o número do semestre. A revista passou a ter, assim, um fluxo contínuo, sem preocupação com fechamento de um número específico, o que terminava deixando artigos prontos no início do semestre, aguardando o tal fechamento do número para ser publicado.

Como afirmei no artigo já mencionado, demos à revista “maior dinamicidade no processo de produção e circulação de informação, informação essa aberta e livre para que possa ser exaustiva e antropofagicamente consumida por leitores pesquisadores produtores de culturas e conhecimentos e não apenas consumidores de informações.”²⁶

Por último, tão logo lançamos o primeiro número da *Revista* com a nova denominação, buscamos implementar também uma versão em áudio para com isso aumentar o acesso àqueles que não podiam ler a revista. Lamentavelmente, só conseguimos gravar um editorial

(24) Também aqui vale a mesma consideração feita para os dossiês temático [...].

(25) PRETTO, Nelson De Luca, Publicar ou perecer: desafios trazidos pelo digital. In: CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; CARVALHÉDO, Josania Lima Portela; ARAUJO, Francisco Antonio Machado (org.), *Caminhos da pós-graduação em educação no Nordeste do Brasil: avaliação, financiamento, redes e produção científica*, Teresina: EDUPI, 2016. p. 337/8.

(26) *Ibid.* p. 338

(27) Registro e agradeço o empenho daqueles que estiveram conosco nessa caminhada: Álvaro Cardoso de Souza (*in memoriam*), Sônia Chagas Vieira, Michele Sodré, Aracele Cunha, Nelmeire Pinho e Lucia Sokolowicz (Edufba).

e uma parte de um dos artigos, isso em 2012. Hoje, com os recursos tecnológico de leituras automatizadas, certamente nem mais será necessária a gravação individual com voz humana de cada artigo.

Depois de mais de 10 anos tocando esse nobre desafio, era chegado o momento de uma renovação também na gestão da *Revista*. Desse modo, comuniquei à direção da Faced a minha decisão de “passar o bastão” para outros(as) colegas que pudessem dar continuidade à nossa publicação. Ainda acompanhando todo o processo de transição para a nova equipe, pudemos, a partir do número 2 volume 5, em julho de 2016, ter no comando da *Revista* as colegas Vanessa Sievers de Almeida, que passou a ser a Editora, e contando com a preciosa colaboração de um time de editoras associadas: Liane Castro de Araújo, Maria Cecília de Paula Silva e Marta Lícia Teles Brito de Jesus.

Muito orgulhoso, recebi das colegas uma linda mensagem, que foi reproduzida no primeiro Editorial da nova etapa e que aqui tomo a liberdade de reproduzir um trecho: “*Entreideias, palavras, artigos e ações, muito já se fez e muito ainda há a se fazer. Muito se semeou e muito mais há a semear e colher. Que possamos continuar essa sementeira, entre ideias e com infinitas possibilidades.*”

Não resta dúvida, as possibilidades são infinitas, como incomensurável é a energia que gastamos para a realização desse projeto coletivo. Mas é um projeto que valeu e sempre valerá a pena.²⁷

The evolution of a journal in the field of scientific communication: from the *Boletim* to *Revista entreideias*.

Abstract: The paper traces the course of the *Revista entreideias: Education, Culture and Society*, from its inception until now. Initially entitled *Boletim* and circulated in the 1980s in the School of Education (Faced) at the Federal University of Bahia (UFBA), in the 1990s it was renamed *Revista da Faced*. This paper makes a brief analysis of the publication policies, through the Open Access Movement, to scientific communication in academic journals in general. It describes the process of the migration of the journal to the internet, analyzing the difficulties encountered.

Keywords: Academic Journals; Open Access; Scientific communication; History of education.

La evolución de una revista académica en el campo de la comunicación científica: del Boletim a la Revista entreideias

Resumen: El artículo traza el recorrido de la *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*, desde su nacimiento hasta la actualidad. Su denominación inicial fue Boletim, y circuló en la década de 1980 en la Facultad de Educación (Faced) de la Universidad Federal de Bahía (UFBA), pasando, en la década de 1990, a ser denominado como *Revista da Faced*. El artículo hace un breve análisis de las políticas de publicación de revistas académicas, pasando por el movimiento de Acceso Abierto y de la comunicación científica. Describe el proceso de migración de la Revista a la internet, mientras analiza las dificultades encontradas en todo ese proceso.

Palabras clave: revistas académicas; comunicación científica; historia de la educación.

